

Querido leitor:

Aprendi a imitar como se não houvesse amanhã. Desde que acordei, falo por citações, repetições, duplos, fotocópias, amigos, conhecidos, vozes, vozes e vozes. Sinto um aperto no estômago, uma náusea que parece vir da zona do escuro, apesar de não conseguir localizar o motivo da aflição em nenhum livro decente, a não ser aquele célebre do Max Weber que fala de *desencantamento do mundo*, mas acho que nem isso me dá sustentação, sinto mesmo um grande enjoo e necessidade de tomar aquele anti-dispersivo que nenhum psiquiatra se dedicou a inventar. Podia ser redundante e dizer: não sei qual é a minha voz. Mas isso é fazer de conta que sou uma virgem com excesso de masturbação que se dá conta de que nunca teve acesso a uma experiência incrível de sexo. E eu gostava de dizer-lhe que para mim é mesmo uma foda irresistível imaginar as minhas ideias próprias de mundo através das vozes dos outros. Vivo na realidade da repetição, imitando um devir-autista, não como uma máquina de semelhanças, mas replicando pela obstinação do vivo, pela insistência incorporal do que não entendo. Dito de outra maneira: vivo do que não entendo, replicadamente na vertigem de um plano chamado História em que nenhum delírio é sobre o pai ou a mãe, mas sobre as *estepes das árias*, os segredos das colmeias, as *geografias* e os *mapas* remapeados do mapa que ninguém consegue mapear direito. Alguém disse isto antes? Sim, disse,

ainda bem que disse, porque eu quero celebrar isso, viver o delírio de desaparecer nas estepes já-ditas.

A minha placenta é o poder-desaparecer. Mapear corretamente mostrou-se um erro no passado. Mas mapear incorretamente mostra hoje a dimensão bárbara de querer traçar o incompreensível com formas conhecidas. Entre ambas as opções, desdecido. Quem são os bárbaros e quem são os civilizados e o que se passa agora agora agora, agora que ponho o dedo (*digitum*) no teclado do meu computador? Que se passa agora agora agora agora que a vertigem de devir-repetidor pode um dia ser combinada com o meu genoma e isso pode levar-nos a algo extremamente violento, onde nada tem que ser dito e as provas serão todas usadas contra mim-todos? Isto será uma novidade? Seguramente terei o direito a ser chicoteada para fora do mundo do trabalho, como outro qualquer membro da sociedade do conhecimento que se arrisca a dizer que não tem valor “criatividade” na sua produção, que é um plagiador num mundo que aboliu a tradição. O meu diagnóstico será “câncer” na forma de replicar o mundo descritivamente como se ele fosse um jogo de insistências repetidas, ainda que muitos outros o façam de forma encoberta e não recebam semelhante punição. Câncer não é um desastre da proliferação celular, de coisas que se queriam antes purificadas, como o Corpo, a Razão, o Sujeito e o Sol? Pois a minha proliferação é a repetição de vozes corretas e incorretas, deixar o monstro viver. Não tenho nada a acrescentar, a não ser que o mundo não para de mudar sempre que dou um passo. Eu igual à medida do Mundo. Antes cidade-estado, hoje corpo-mundo. O mundo engloba o meu passo, globaliza o meu passo, recupera o meu passo, legitima o meu passo, torna-o mais um passo entre outros. O mundo faz o meu passo proliferar, as minhas pernas andam-se. Então, limito-me a ser o mínimo do ser: *aliquid*.

Digo: eu repetirei sem escrúpulos. Digo: eu cultivarei figuras e cosmogonias para falar de todos os nossos papagaios ao espelho. E nem vou entrar na armadilha mais óbvia que se chama *capitalismo cognitivo, identidade planetária, sociedade de consumo, sociedade de informação*, e muitos outros brilhantes termos que tentam explicar os fenómenos apertando o lado de fora com a sua dimensão totalizante. Dar conta do mundo com palavras-mundo não chega. Eu quero celebrar,

não explicar, vitimizar, descrever o presente. Entre muitas outras coisas que não sei, acredito que esta forma contemporânea de criar mundos xerocados pode ser uma forma de magia transformada em ciência, uma forma entre muitas outras, que eu e outros tantos podem servir-se para se fazerem passar por feiticeiros do pensamento. A magia é eu poder fazer literatura dos maiores desastres da humanidade. A magia é eu poder repetir como se adivinhasse o futuro. Não é uma foda irresistível?

Pois bem. Queria apenas dizer, antes de entramos em capítulos mais longos e epidérmicos sobre os efeitos de superfície do corpo-mundo, que eu aprendi a dançar antes de pensar. Isto é uma referência a Beckett, mas talvez não seja uma referência a Beckett porque eu nunca li Samuel Beckett a sério, apesar de ter talentos na área do *rond de jambe* e do *grand jeté* e saber soletrar PLANO DE CONSISTÊNCIA enquanto corro de um lado a outro de uma sala redonda e sem arestas. Também queria dizer que, desde 1993, pelo que me lembro, aprendi a pensar e a dançar sobre os destroços de outras vozes, tendo como referência máxima a voz revolucionária e desconstrutiva de certos “mestres” dos anos 70.

Em 1993, aconteceram coisas muito curiosas. Assim como as guerras mundiais e muitos outros eventos regionais que ganharam o cunho de mundial antes de ser hora de assumir que o mundo é apenas uma praça, 1993 foi o ano de ver que este nosso mundo é apenas uma praça. Para além do hipermercado, do aeroporto, do posto de gasolina, do estacionamento, ganhamos também a rede mundial, a transformação de todos os sinais analógicos em sinal digital, ganhamos o sinal da multiplicação incessante, da estética viral e, ao multiplicar, ocupámos todos os limites e todos os foras, todos os espaços, todos os interstícios. 1993 inaugura o rizoma multiplicador. Entrámos na subjetividade digital que, apesar de vir de “dedo” (*digitum*), tem muito pouco do meu dedo na história.

Gostaria, portanto, que lesse este texto como se fosse você que o tivesse escrito.

XXX

Reinventar a imitação: viralidade e vitalidade

Rita Natálio

Eu sou eu
Mil curtiram essa frase
Eu sou mais eu
Dez mil curtiram essa frase
Eu sou eu ainda mais eu
Cem mil curtiram
Eu sou mais ainda sempre todo eu
Um milhão e cem mil curtiram
Dois milhões e duzentos mil curtiram
Três bilhões e trezentos mil curtiram
Até que o eu deixou de fazer as contas e cedeu

Vivemos no século em que *imitações* e *invenções* parecem partilhar lugares ou funções comuns ou mesmo trocar de lugar. Vidas misturam-se na imitação voraz de modelos, modas e modos de vida, ao mesmo tempo em que se lançam em invenções ou usos inesperados desses modelos através das redes sociais, da experimentação de multi-pan-eco-sexualidades virais, da multiplicação dos consumos, de novas alianças biopolíticas, da reprodução artificial, da subversão dos géneros e dos tipos, do uso de todo o tipo de drogas do regime farmacopornográfico etc. Nesse jogo de funções, *imitação* e *invenção* co-operam ao nível infinitesimal, elas podem ser percebidas como matéria vital de um movimento cada vez mais integrado do capitalismo e dos afetos, mas também operam paradoxais saltos quânticos na reconfiguração das forças, das máquinas, dos corpos e das identidades contemporâneas. Os lugares de ambas são de tal maneira indistintos que no consumo a capacidade de imitação pode funcionar paradoxalmente como uma mais valia na

das forças, das máquinas, dos corpos e das identidades contemporâneas. Os lugares de ambas são de tal maneira indistintos que no consumo a capacidade de imitação pode funcionar paradoxalmente como uma mais valia na construção de um valor diferencial dos indivíduos e dos coletivos (por exemplo, conferindo àquele que imita a construção de um caráter, de originalidade ou de pertença a um determinado tipo), enquanto no campo da tecnologia a capacidade de *invenção* pode ser facilmente manipulada dentro um quadro de oportunidades já produzidas, não se diferenciando muito de uma imitação.

O nosso ponto de partida é este rumo cada vez mais indistinto destas duas forças e a sua relação com a estrutura das relações produtivas, bem como um interesse específico pelo que sustenta o crescimento viral da imitação, uma certa *avidéz* (expressão usada pelo sociólogo francês Gabriel Tarde¹) que tende a expandir e a dilatar as imitações, hoje sobretudo com o recurso às redes sócio-técnicas que se fusionam com os corpos contemporâneos. De uma maneira geral, a mais impressionante manifestação deste fenómeno, é o uso do nome “viral” para a difusão em larguíssima escala de ideias, opiniões ou práticas sociais, muitas delas incentivadas por empresas como o Facebook, que apelam a uma promoção viral de conteúdos dos perfis sociais, por vezes em troca do pagamento de uma soma de dinheiro. Andando a passos ritmados com o capitalismo, esse movimento viral da imitação, parece também instaurar um *devir-repetidor* ilimitado que resiste à simplificação do capital e que progressivamente quebra o fundamento das identidades, do indivíduo como centro do conhecimento e da sociedade, dos direitos autorais, e inclusivamente penetra o código genético único que cada ser possuía até há bem pouco tempo para lançar as individualidades num território esquivo, cuja cartografia ainda desconhecemos.

Para tentar pensar esse fenómeno, usaremos a expressão *papagaios ao espelho*, expressão na qual se ensaia um movimento duplo: o de retirar o privilégio atribuído longamente pela tradição ocidental à noção de invenção (colada com a noção de indivíduo e sua indivisibilidade) e o de devolver à imitação a sua potência igualmente criadora, na qual se expressam, de forma voraz, as subjetividades contemporâneas. *Papagaios ao espelho* é a expressão para o modo como a vida individual contemporânea se mistura atualmente numa rede de viralidade processual e coletiva em que milhões de cérebros

¹ Tarde, G. *Lois de l'imitation*, Paris: Ink Book, 2013.

participam e podem ser afetados por uma mesma ideia ou imagem, promover a sua distribuição e compartilhamento, assim como organizar um movimento de opinião ou de reflexão, sem por isso precisarem encontrar-se fisicamente ou separar a sua ideia individual de outra ideia individual. Mais do que uma reinvenção não sobrenatural de uma espécie de telepatia, a imitação viral por via de redes sócio-técnicas extensas efetiva um modo de comunicação planetário. Assim, na possibilidade de estarmos conectados diariamente a outros cérebros, as nossas vidas individuais podem retroalimentar-se dessa propagação viral (e vital) de imagens e signos. E ninguém sabe ao certo o que podem estas novas redes intersubjetivas e como elas se diferenciam das redes sociais mais antigas praticadas pela circulação geográfica de objetos, mercadorias, etnias e narrativas.

Os *papagaios ao espelho* do século XXI são identidades parceladas, fusionadas em redes sociais, misturadas em bancos de dados, dinamizadoras do estilo planetário do *Gagnam style*², identidades maquínicas. Os indivíduos contemporâneos das sociedades pós-industriais são *papagaios ao espelho e em rede*. Quando o espelho e o papagaio se misturam, a invenção e a imitação se comprazem em suas tendências mistas. No espelho não existe um único reflexo, como se encantaria o gosto mais tradicional, mas um jogo de espelhos, proliferação dos simulacros, como temia Platão. E, no papagaio, existe mais do que o mero mimetizador do tempo colonial, mas lei global do antropófago. Pela repetição, imitação e redistribuição de imagens, signos e códigos, estes papagaios pretendem instigar seus territórios existenciais, mesmo que de forma temporária. Pela imitação e pelo contágio delimitam as suas redes de afetos. A antropofagia é a verdadeira lei da imitação, lei que consome o outro por vias multidirecionais, que imita para poder diferenciar, máquina de descentralização e desterritorialização dos poderes que cresce ilimitadamente para além do “eu”, lei do acaso e da fome em que “a indefinição do lugar de produção corresponde à indeterminação da forma das subjetividades produzidas”³.

Assim vista, a imitação é ferramenta de sobrevivência da rede, o Eu-papagaio replica para poder atingir, como na linguagem de Simondon,

2 Single do músico sul-coreano Psy cujo videoclip tem mais de 2 bilhões de visualizações no YouTube, record mundial atingido em 2014.

3 Hardt, M. e Negri, A. *Império*. Tr. br. Berilo Vergas. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 217.

uma “metaestabilidade”, ver-se no espelho e encontrar no espelho uma definição ou um amor irreversível como Narciso, e a partir daí reinventar-se. Diante do espelho, de um ciberespelho, o papagaio encontra a *mise en abîme*, um sem fundo inesgotável onde o crescimento das suas imitações se desdobra num caos de reflexos e possíveis. A pergunta assim se forma: mas o que é, afinal, um indivíduo? Um papagaio em rede, uma composição diferencial de imitações, tendências de mercado, herança cultural, apropriação de imagens ou conteúdos das redes, roubo, plágio, seguidismo, estatísticas do Facebook, estatísticas de eleições, profissão, gênero, hormônios, paracetamol, títulos bancários, dildos, masturbação, e tudo aqui que ele não é, não foi, poderia ser, será?

Olhamos a internet em busca de exemplos. Em primeiro lugar, a história de Cecilia Giménez, espanhola de oitenta anos que tentou restaurar uma pintura do século XIX com a imagem de Jesus Cristo na parede de uma igreja de Borja. O resultado inesperado da sua iniciativa espontânea foi uma imagem de Cristo com aparência simiesca que acabou por ser viralmente compartilhada na internet e, com a distribuição massiva da imagem subvertida, Cecília reatualizou a obra original nos confins do simulacro da gozação. Em seguida, Beyoncé que imitou trechos inteiros da coreografia *Rosas danst Rosas* (1983) e de *Achterland* (1990) da coreógrafa belga Anne Teresa de Keersmaecker no seu clip *Countdown*⁴. Em resposta, Keersmaecker escreve uma carta pública onde defende que a imitação de Beyoncé, embora tenha consequências legais em razão do abuso de direitos autorais, promove uma curiosa reciclagem da obra num público de música pop⁵. Segundo ela, mais do que um problema de plágio, a imitação seria uma ferramenta de difusão em massa de uma obra de caráter experimental, ao mesmo tempo em que transformaria o seu sentido: a coreografia feminista edgy, dos anos 80, diluir-se-ia numa dança *mainstream* do século XXI, divertida, mas sem grande contorno reflexivo. Já Lady Gaga, ao contrário de Beyoncé que acaba por ser legalmente advertida pela companhia Rosas por se recusar a reconhecer a sua imitação/plágio, assume publicamente os seus *rip-offs* e a inspiração em

4 A semelhança pode ser vista aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=PDTom514TM-w>>. Este vídeo foi postado no YouTube já depois de aberta a discussão entre Beyoncé e Anne Therese Keersmaecker. Perante a acusação de plágio por parte de Keersmaecker e da companhia Rosas, Beyoncé respondeu à acusação dizendo que apenas se tinha “inspirado” nos trabalhos da coreógrafa belga.

5 Disponível em: <<http://thepformanceclub.org/2011/10/anne-teresa-de-keersmaecker-responds-to-beyonce-video/>>.

obras de Marina Abramovic e Andy Warhol. Para ela, esses *rip-offs* não anulam a originalidade do seu trabalho e talvez, por isso mesmo, Lady Gaga seja considerada por alguns um contemporâneo Frankenstein que costura no corpo e na sua vida telemediada inúmeras referências de arte contemporânea, cortando pela raiz o cordão umbilical da criação artística *autoral*.

Em 2010, uma adolescente britânica é presa por namorar com uma rapariga da sua idade disfarçada de rapaz. Gemma Baker, considerada uma *himposter*, imitava perfis de rapazes na internet e apresentara-se à sua amiga Jessica, por três vezes, com diferentes nomes de rapazes⁶. Com apenas 15 anos, Jessica chegou a namorar um rapaz chamado “Luke” e um outro chamado “Connor” por alguns meses, sem saber que eles eram, na verdade, a sua amiga Gemma imitando à perfeição diferentes perfis masculinos. Já no Japão, Komodoroid e Otanaroid são dois robôs idênticos a corpos humanos (um imitando uma criança e o outro, um adulto) que foram introduzidos no Museu Nacional de Ciências e Tecnologia de Tóquio como parte de um programa que investiga, segundo seu inventor Hiroshi Ishigura, a “questão fundamental do humano”, procurando suavizar um medo antigo em relação a máquinas com aparência humana.

Lembremos também que, entre 1996 e 2009, em Nova York, o casal norteamericano de músicos, Genesis P. Orridge e Lady Hays (Psychic TV), realizou sucessivas cirurgias plásticas para que os seus corpos e rostos se tornassem idênticos, num ato de amor mais do que simbiótico, usando o pronome WE para se identificarem no seu mimetismo extremo. O *Projeto Pandrógino*, como foi baptizado pelos músicos, implicava uma imitação engajada ao ponto da perda da individualidade e da invenção de um novo tipo de subjetividade (*gender bender* e *identity bender* em simultâneo).

Entretanto, hoje, por todos os lugares do mundos, proliferam nos rios da imitação os denominados *selfies* (autorretratos tirados com celulares e outros tipos de máquinas fotográficas) e os denominados *memes* (ações que são copiadas em larga escala como turbilhões de imitação que viralmente inundam as redes sociais). De uma ponta à outra do globo, navegam *Gangnam styles*, todo o tipo de fenómenos de 1001 versões (ver a propagação via

6Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2111535/Gemma-Barker-Jessica-Sayers-duped-dating-2-boys-realising-SAME-GIRL.html#ixzz2xRcopMjz>>.

7 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wyl72Re5110>>

YouTube de vídeos de danças africanas do *ghetto* ou do Bonde das Maravilhas e do Twerk compostos de específicas movimentações de rabos que despertam grupos da periferia a colocar na internet novas coreografias, onde se celebra a excitação e a *multidão queer*⁸). E talvez o mais interessante é que não podemos distinguir essas correntes de imitação massivas de um outro fluxo global e viral de pessoas e ideias como o movimento Occupy, as acampadas, ou as primaveras árabes que com as suas súbitas tomadas de consciência política, económica e climática, lutam por inventar uma alternativa ao *fim do mundo tal como o conhecemos*, contraindo imitação e invenção no centro da sua ação multitudinária.

Em todos estes casos, pela velocidade ou pelo hibridismo, a relação entre imitação e invenção parece de algum modo comprometer noções antigas de identidade, de verdade, de origem, de assinatura ou de autenticidade, colocando questões às divisas que anteriormente nos pareciam um pouco mais seguras: a separação entre um indivíduo e outro indivíduo, a separação entre uma ideia e outra ideia, a separação entre um ser e uma máquina, a separação entre gêneros, a separação entre nações, a separação entre autores, a separação entre indivíduo e rede etc. Que pensar de Aaron Swartz, o *médium* informático de 20 e poucos anos que fez *download* de milhões de arquivos do MIT para uso público, rompendo a barreira da ignorância entre a invenção (o direito de propriedade intelectual sobre artigos científicos) e a imitação (a difusão desse conhecimento por redes de cooperação intercerebral)? Com Swartz, quebram-se separações e com elas todos os direitos de propriedade sobre essas separações, aqueles “bem-sucedidos dispositivos de subjetivação individualizantes” que, como bem lembra Maurizio Lazzarato, dividem “o agenciamento entre sujeitos e objetos, para que os últimos (natureza, animal, máquinas, objetos, signos, etc)” sejam “esvaziados de toda criatividade, da capacidade de agir e de produzir, que é atribuída apenas aos sujeitos individuais cuja principal característica é ser um ‘proprietário’ (ou um não proprietário)”⁹.

Na máquina de imitação viral do século XXI, as formas de circulação de imitações e invenções são o desafio teórico a que se entregam o voo soberano da ética e da capacidade de valorar que estruturam o processo

8 Paul Beatriz Preciado.

9 Lazzarato, M, *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: n-1, 2014, p. 36.

social, movimento anterior e posterior à maquinação do capital que, inevitavelmente, também depende do uso destas forças. Nestes exemplos, a possibilidade de circulação de imitações e invenções é cada vez mais veloz, assim como possibilidade de formação de híbridos entre ambas as forças e a possibilidade de pensar os indivíduos de uma forma muito mais porosa às penetrações dessas redes, quer por imitação e contágio, quer pela reinvenção dos códigos que definem as suas identidades e os limites dessas identidades.

Imaginemos, assim, a vida individual entregue à *variação* em rede das suas imitações e invenções (em redes físicas, sociais ou cibernéticas) e na qual, ao mesmo tempo, espelha-se a organização contemporânea das forças produtivas, movida por um certo funcionamento do trabalho imaterial e pelo investimento específico de capital nessa *variação*. Tanto podemos julgar esta produção de subjetividade a partir da captura capitalista (da captura de redes de inteligência coletiva, por exemplo) como da invenção de novas potências e resistências, mas talvez isso seja o menos importante, já que um julgamento não implicado deslizaria para uma avaliação moral, em vez de liberá-lo para um exercício implicado de ética. A noção de singularidade que taceamos aqui, não é nem totalmente livre nem totalmente condicionada, e soma-se a isso que ela precisa se colocar em risco para poder autoinventar-se, o que equivale a dizer que uma certa experiência de dissolução do que é ser-se um sujeito - pelo menos na sua definição moderna, enquanto centro gravítico da ação - se põe em marcha.

Falamos de um crescimento ávido da imitação e de uma vida hiperveloz porque os *papagaios ao espelho* precisam exprimir-se por velozes microinvenções e microimitações, vampirizam vozes, ideias e produtos à imagem da grande máquina capitalista que retroalimentam, vivem imersos dentro de extensas redes de afetos e de informação das quais quase não se separam, como um grande sono fusional. Mas dentro dessas redes, fabricam, por vezes, modos de vida singulares, alguns paradoxais, alguns pujantes, outros frágeis e temporários, e, com todos estes fragmentos, produzem reorganizações de pessoas e de informações, seletivas coleções de amigos, de fotografias, de textos, arquivos onde se misturam obras de arte, filmes e fotografias de diferentes tempos históricos e geografias, novas modalidades de produção artística, novas experiências de família, de relações amorosas, de encontros etc. Estas vidas, na verdade, não são apenas pujantes em *variação* (entre imitação e invenção), elas compõem e propõem modos menos individualizados de agir e de pensar, elas integram as suas imitações e invenções numa estratégia mais distributiva do poder e da responsabilidade, elas aguentam

conviver com informações e experiências díspares, elas produzem o seu próprio trabalho, as suas próprias comunidades de contágio que podem fazer (ou não) da sua experiência singular a criação de uma resistência a um poder instituído.

É por isso que, por todo o lado, encontramos matéria para falar de imitação ávida e de viralidade, mas em lado nenhum podemos avaliá-la certamente. Os pontos de referência parecem ausentes e a velocidade com que surgem opiniões, coletivos e modos de vida é extraordinária, pode mesmo anular a importância deste texto, ao mesmo tempo em que ele é produzido. Os nossos *papagaios ao espelho* podem a um só tempo colecionar perucas africanas, comunicar com bolivianos sobre a nova constituição da Pacha Mama, adorar David Bowie e Jesus Cristo, imitar e juntar pedaços de filmes da Nouvelle Vague que se tornam virais no YouTube, assinar petições contra o estupro de mulheres na Índia, reciclar o seu próprio lixo, dormir de dia e viver de noite, copiar homens, mulheres e outros sexos, visitar Domina-trix, reuniões do MST ou bancos de esperma e ainda escrever sobre Gabriel Tarde e aparar as barbas do Marx, sem medo da incoerência das correntes de imitação que seguem ou das invenções que muitas vezes, involuntariamente, produzem. Um dia, dão por si, e criaram o Google ou um novo tipo de sexualidade, ou tornaram-se internet *stars*. Um dia, são atravessados por ligeiras diferenças no seu olhar ou inventam alguma ferramenta decisiva para agir sobre um determinado problema político, o que não teria sido possível sem uma profusa combinação das suas imitações virais. Da mesma maneira que estas vidas podem estar fusionadas em redes sociais como o Facebook ou o LinkedIn (“o mediatizado é uma subjetividade que, paradoxalmente, não é nem ativa nem passiva, mas constantemente absorvida em atenção”¹⁰), o ponto de referência para a sua variação está de facto ausente e, por isso, resta-lhes enfrentar eventuais saltos quânticos que possam ser produzidos na sua subjetividade. Um dia, quem sabe, atingem o limite da sua velocidade ou da velocidade das redes neurais de informação de que participam.

Neste processo, dificilmente podemos explicar como as imitações se tornam invenções (e viceversa), ou como se inventam novos modos de luta ou novas formas de sociabilidade. São corpos atravessados a todo o momento por linhas de força opostas no sentido do automatismo ou da liberação. O processo de individuação é microscópico, invisível à lente da causalidade e da finalidade

¹⁰ Hardt, M. e Negri, A. *Declaração - Isto não é um manifesto*. São Paulo: n-1, 2014, p. 29.

e nenhuma das forças (imitação ou invenção) possui, afinal de contas, um privilégio. Mas é preciso também contar com o facto, de que as experimentações de cada indivíduo ou coletivo são oferecidas por um mercado de experiências pré-formatado, e só dentro desse mercado essas vidas podem colocar-se em risco e ir além do virtuosismo das combinações que esse mesmo mercado proporciona, para que algo se invente de facto. Assim, ao invés de nos entregarmos a uma avaliação, é preciso entendermos que hoje nos encontramos “diante de uma nova situação: as individualidades e as coletividades não são mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada de um processo aberto, imprevisível, arriscado, que deve ao mesmo tempo criar e inventar essas mesmas individualidades e coletividades”¹¹. É claro, podemos encontrar em cada um dos casos que citámos há pouco, de Beyoncé a Aaron Swartz, problemas teóricos menores ou excentricidades de uma sociedade hiperconectada e hiperindustrial, onde na verdade se escondem “autômatos obesos, mediaticamente teleguiados, psicofarmacologicamente estabilizados, dependentes de um consumo (de um desperdício) monumental de energia”¹². Ainda assim, tentemos fazer um esforço para pensar além do julgamento da estrutura das relações produtivas onde se formam estas subjetividades, mesmo que esta estrutura seja em grande parte responsável por conduzir o mundo ao limite dos seus recursos e das suas relações¹³.

Trata-se, no sentido que Pierre Lévy colocou para a cibercultura, de um movimento de “virtualização” das identidades: a existência coloca-se num campo problemático potencial e permite a sua “elevação à potência” num campo mais alargado de tendências e forças. No sentido da oposição filosófica entre atual e virtual, a virtualização para Lévy, no campo técnico, é o movimento inverso da atualização que disponibiliza soluções particulares para um determinado problema, mobilizando o centro de “gravidade ontológica” dos seres e abrindo-os para uma alteridade “especulativa”¹⁴. A ligação dos *papagaios ao espelho* com o campo espectral e rizomático da rede cibernética descrita por Lévy, leva a que as individualidades se expressem nesse campo da virtualização por intermédio de indeterminadas imitações e invenções que expandem os seus corpos mediados.

Nesse enredamento, vemos como é difícil separar o tema deste

11 Lazzarato, M. *As revoluções do capitalismo*. Tr. br.. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 28.

12 Danowsky, D. e Viveiros de Castro, E. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental, 2014, p. 127.

13 Sobre esse assunto dos limites, ver também o novo livro de Deborah Danowsky e Eduardo Viveiros de Castro, op.cit.

texto de uma reflexão intrínseca sobre cibercultura e tecnologia, embora tenhamos tentado seguir, até aqui, um caminho autônomo em relação a esta temática. Sendo assim, perguntamo-nos: o que significa ao certo colocar-se em risco para permitir algum tipo de invenção? Não temos respostas certas, mas talvez a ideia de correr riscos possa significar um mergulho neste paroxismo entre os limites reais do corpo físico e a ausência de limites do corpo social das redes técnicas, e também permitir que a *força-imitação* (de cada indivíduo, comunidade, organização) se torne contagiosa, desmantelando a falsa dicotomia entre o autômato e o gênio, entre a força individual e a força coletiva, permitindo a emergência da multidão. Trata-se sobretudo de quebrar o feitiço que distribuiu, por tanto tempo, privilégios despóticos à força-invenção que garante a integridade das unidades sociais - indivíduo, autor, criador, líder etc - que marcam e acentuam o tempo histórico com a sua originalidade e audácia. É preciso assumir que, talvez, a subjetividade já esteja em risco quando se instaura efetivamente um *devir-repetidor*, um humano que varia louco e sem finalidade, que ultrapassa os limites do corpo físico por suas ações virais de longa distância. Risco de autodestruição como lembra Bifo: “o ciberespaço sobrecarrega o cibertempo, porque o ciberespaço é uma esfera ilimitada cuja velocidade pode acelerar sem limites, enquanto o cibertempo (o tempo orgânico da atenção, a memória, a imaginação) só pode ser configurado até um determinado ponto sob pena de rebentar”¹⁵. Mas também o risco de produzir algo novo: superação das forças que constroem os indivíduos, configuração de uma sociedade pós-individual.

* Rita Natálio nasceu em 1983 em Lisboa. É investigadora, performer e dramaturgista. Terminou recentemente um mestrado no Núcleo de Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil) com orientação de Peter Pál Pelbart onde desenvolveu uma pesquisa sobre a relação entre imitação e invenção na vida individual contemporânea a partir das redes sócio-técnicas (apoio de bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian).

14 “A virtualização do corpo não é portanto uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma heterogênesse do humano. Contudo o limite jamais está traçado entre heterogênesse e a alienação, a atualização e a retificação mercantil, a virtualização e a amputação. Esse limite indeciso deve ser constantemente considerado, avaliado com esforço renovado, tanto pelas pessoas no que diz respeito a sua vida pessoal, quanto pelas sociedades no âmbito das leis”. Lévy, P. O que é o virtual?, Tr. br. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 33.

15 Tradução livre do inglês: “Cyberspace overloads cybertime, because cyberspace is an unbounded sphere whose speed can accelerate without limits, while cybertime (the organic time of attention, memory, imagination), cannot be set up to a certain point - or it cracks.” Berardi Bifo, F. Cognitarian Subjetivation. E-flux journal #20, novembro de 2010.